

MENOS AQUECIMENTO GLOBAL

*** Roberto Rodrigues**

Mesmo perdendo em dezembro do ano passado a chance de entrar para a história como a sede da COP15 que equacionaria a polêmica questão do aquecimento global – dado o fracasso rotundo da Conferência das Partes – a bela Copenhague, capital da Dinamarca, vem dando seguidos exemplos de compromisso com a redução das emissões de Gases de Efeito Estufa.

Nos últimos 10 anos, a cidade já reduziu suas emissões de CO₂ em 20%. Uma das ações para isso foi o fato de 37% de seus habitantes irem trabalhar de bicicleta todos os dias. Até 2015, a cidade deverá reduzir as emissões de CO₂ em mais 20%, elevando a porcentagem de ciclistas para 50%, melhorando o isolamento dos prédios, aumentando a oferta de transporte coletivo, mas principalmente aumentando a produção de energia renovável, tanto para gerar eletricidade quanto para os combustíveis líquidos.

Hoje, 73% de sua eletricidade vêm do carvão, gás natural ou petróleo.

Até 2020, metade da eletricidade virá da energia eólica (hoje já é 20%). O metano derivado dos dejetos de suínos vai virar bioeletricidade e a banha dos animais será biodiesel. Os dinamarqueses são taxados cada vez mais para evitar desperdício: cerca de 60% do preço de um carro é imposto. Com isso, todo mundo vai de bike...

Claro que estas coisas não são automaticamente aplicáveis no nosso país. Afinal, a Dinamarca cabe no Estado do Rio de Janeiro.

O Brasil está definitivamente acordado para o grande desafio da humanidade no século XXI que é a compatibilização da oferta crescente de produtos agrícolas com a preservação dos recursos naturais, a célebre sustentabilidade.

Temos o que oferecer já feito, não precisamos prometer nada.

Nossa tecnologia tropical continua líder, e o dado mais evidente desta verdade é o relacionado com a produção de grãos: nos últimos 20 anos a área plantada cresceu 25% e a produção saltou 154%. Isso significa uma “poupança” de 48 milhões de hectares de cerrado ou floresta que, deveriam ter sido desmatados para termos a atual produção total de grãos.

Temos a agroenergia, que vem ganhando destaque na direção da comoditização: a Agência Ambiental Americana considerou nosso etanol de cana como “avançado”, uma vez que ele emite 60% menos CO₂ que a gasolina. No entanto, se considerarmos todo o ciclo da cana-de-açúcar, desde o plantio, a redução das emissões é de 89%, segundo as contas da UNICAMP.

Temos 6 milhões de hectares de florestas plantadas e enfim, um belo conjunto de feitos para pleitear e garantir a liderança na economia verde que vem vindo.

E o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento não deixou por menos: o Plano de Safra 2010/2011, apresentou um alentado programa batizado de ABC – Agricultura de Baixo Carbono - caracterizado por conjuntos de ações com a disponibilização de 2 bilhões de reais, a juros de 5,5% ao ano, com 12 anos de prazo e 3 anos de carência.

Os números são ambiciosos:

Recuperar 15 milhões de hectares de pastagens degradadas em 10 anos – o que equivale a reduzir a emissão de CO₂ em 104 milhões de toneladas, no período.

Quanto à integração lavoura/pecuária/floresta, a proposta é aumentar os atuais 2 milhões de hectares para 4 milhões até 2020, reduzindo em mais 22 milhões de toneladas equivalentes as emissões de CO₂.

O plantio direto na palha teria um aumento de 8 milhões de hectares até 2020, sobre os atuais 25 milhões. Seriam menos 20 milhões de toneladas de CO₂ emitidos.

O programa prevê o plantio de mais 3 milhões de hectares de florestas, uma outra redução de 10 milhões de toneladas.

E, por fim, a idéia de substituir adubação nitrogenada por fixação biológica de N em mais 5,5 milhões de hectares (hoje são 11 milhões assim tratados), daria outra redução de emissões, de 10 milhões de toneladas.

Paralelamente, em outubro passado, sob a inspiração do Instituto de Pesquisa Ambiental da Amazônia, reuniram-se em São Paulo representantes do agronegócio (Grupo Maggi e Marfrig), ONGs (Aliança da Terra, The Prince Rainforest Project) e academia, para discutir o caminho rumo a uma agricultura de baixo carbono, com foco na redução de emissões derivadas de mudanças no uso da terra.

As propostas surgidas aí estão inteiramente em linha com o Plano ABC do MAPA:

- intensificação da pecuária, com maior uso de confinamento.
- recuperação de pastagens degradadas
- integração lavoura/pecuária/floresta
- recuperação de matas ciliares e reserva legal

De fato, há avanços para exhibir ao resto do mundo, tanto nas ações do governo quanto da sociedade civil.

*** Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, presidente do Conselho Superior de Agronegócio da FIESP e professor de Economia Rural da UNESP/Jaboticabal**